



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

DÉBORA ROCHA MATOS PINTO

**AÇÕES INCLUSIVAS DO PEDAGOGO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

FORTALEZA

2022

DÉBORA ROCHA MATOS PINTO

**AÇÕES INCLUSIVAS DO PEDAGOGO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria José Barbosa

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P727a Pinto, Débora.
AÇÕES INCLUSIVAS DO PEDAGOGO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE / Débora Pinto. – 2022.
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Maria José Barbosa .

1. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. 2. Inclusão. 3. Professores. I. Título.

CDD 370

DÉBORA ROCHA MATOS PINTO

AÇÕES INCLUSIVAS DO PEDAGOGO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra Maria José Barbosa (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra Adriana Leite Limaverde Gomes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr Wagner Bandeira Andriola

Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICATÓRIA

À minha fé e força de vontade, sem elas não
teria concluído esta graduação.

AGRADECIMENTOS

Por muitas vezes, pensei em todas as pessoas que eu gostaria de agradecer por me darem forças para chegar até aqui. Mas dizer cada um dos nomes e sua importância para mim iria tomar muitas linhas deste trabalho.

Então, meu primeiro agradecimento vai para Deus, pois sem fé e muita esperança com certeza não teria conseguido concluir essa jornada que é a graduação, muito menos ter conseguido ingressar na UFC, pois o caminho foi cheio de desafios.

Aos meus pais, Mário e Socorro Ângela que não me deixaram desistir em nenhum momento, e por maior que fosse a dificuldade, eles sempre me deram apoio e força para continuar, por todas as vezes que seguraram minha mão quando tive medo e me fizeram seguir mesmo quando eu achava que não ia conseguir.

À tia Pepe que tem todo o meu carinho e que sempre me dá apoio de um jeito inimaginável, sendo exemplo de dedicação e força, ajudando-me em tantos momentos e nunca me deixou desistir de tentar.

À minha irmã Lara, que, muitas vezes no seu silêncio ou ausência de palavras, ouvia as minhas angústias e cansaços, ficando ao meu lado e me dando força.

Ao meu avô Lourival e meu Tio Zé, que não estão mais entre nós e que não puderam ver a realização deste sonho, mas que sonharam comigo desde criança para que eu sempre achasse o caminho dos estudos e me tornasse uma mulher independente e crescesse na vida através do meu trabalho.

À Vlândia, minha querida amiga e agora colega de profissão, que me acompanhou desde o ensino médio nas minhas dúvidas e incertezas sobre qual caminho seguir, permitindo-me acompanhá-la no seu consultório psicopedagógico, apresentando-me às crianças, a outros profissionais, ensinando-me e me emprestando todos os seus materiais para que eu pudesse aprender e entender tudo aquilo que eu via naquele espaço e na faculdade. E sem sombra de dúvidas a temática deste trabalho tem forte influência da sua parte.

À minha família de maneira geral: minhas tias (Fátima, Neuza, Perpétua, Célia, Elza, ...) que me deram seu apoio de todas as formas possíveis, seja por meio de palavras ou orações.

À minha avó Maria Luiza que, apesar do Alzheimer, ficava feliz em me ver voltando da faculdade e seguindo os meus sonhos.

À Ivanilda, que sempre cuidou de mim me dando apoio e me colocando em suas orações e que hoje me enche de orgulho e alegria por ter voltado a estudar.

Às minhas queridas amigas (Sabrina, Luana, Nara e Rose) que conheci na faculdade e que sempre foram tão compreensivas, companheiras desde o momento em que nos conhecemos. Formamos nossa “equipe dos sonhos”, pela sintonia e interesse em sempre dar o nosso melhor e nos ajudar em todas as situações, sendo elas boas ou ruins, nunca soltamos a mão uma da outra. Vocês são exemplos de força e dedicação e eu não poderia ser mais grata pela amizade de vocês.

À minha querida orientadora Maria José, que desde o segundo semestre da graduação, nas suas aulas de Psicopedagogia, mostrou-me novos caminhos dentro do curso que me levaram à construção deste trabalho e de tantas outras parcerias ao longo do curso. Sem dúvidas ela me inspira e me faz crescer como pessoa e profissional. Ao professor Wagner e à professora Adriana, que me proporcionaram aprender mais sobre pesquisa, acreditando no meu potencial como bolsista e me mostrando que ser pesquisador não é fácil, mas que é um caminho prazeroso a ser seguido.

Por fim, mas não menos importante, a todos que disseram que eu não iria conseguir, que eu deveria deixar de tentar entrar na faculdade e que era melhor eu procurar outra coisa para fazer da vida, agradeço de coração, pois foram suas palavras negativas que me fizeram chegar onde estou e nunca deixar de acreditar na minha capacidade de vencer.

A todos vocês meu muito obrigada!

RESUMO

Tem-se observado cada vez mais a presença de educandos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade nos espaços escolares. Há uma estereotipização de que são crianças preguiçosas, e que não têm interesse pelos estudos e acabam por se sentirem excluídas em sala de aula, não só em relação à interação, como também à aprendizagem. Por isso, cabe ao professor ter um olhar atento para incluir o aluno em sua sala, buscando ajudá-lo a sanar suas dificuldades e a se sentir parte desse ambiente. Isso é possível a partir do momento que o docente entende as causas das suas características, e implementa ações que lhes incluam não só a nível intelectual, como também que lhes proporcione uma boa interação com os colegas. Dessa forma, esta pesquisa objetiva investigar as ações do pedagogo que promovem uma sala de aula inclusiva para alunos do terceiro ano que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, identificando professores que atuam com turmas do terceiro ano do ensino fundamental - anos iniciais, conhecendo suas práticas e recursos usados no processo, além de verificar as dificuldades enfrentadas pelos docentes ao desenvolver atividades com essas crianças. A pesquisa se classifica como qualitativa, de caráter exploratório, fazendo uso de um questionário do *Google* Formulários aplicado a professoras que atuam no terceiro ano do ensino fundamental - anos iniciais, e, posteriormente, de entrevistas semiestruturadas. O conteúdo do material das entrevistas foi analisado qualitativamente. Verificou-se que as professoras propõem em suas salas de aula ações para incluir os alunos com TDAH, proporcionando boas vivências não só para esse grupo específico, mas para a turma como um todo.

Palavras-chave: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; Inclusão; Professores

ABSTRACT

The presence of students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder has been increasing in school spaces. These children are stereotyped as lazy, having no interest in studies and with feelings of exclusion from the classroom, not only in terms of interaction but also in terms of learning. Therefore, it is up to the teacher to have a careful look to include these students in his/her classroom, to help them solve their difficulties and to feel part of the environment. This is possible from the moment the teacher understands the causes of their characteristics and implements actions that not only include them at an intellectual level but also provide a good interaction with their colleagues. Thus, this research aims to investigate the actions of the pedagogue who promote an inclusive classroom for third-year students who have Attention Deficit Hyperactivity Disorder. The objective is to identify teachers who work with classes of the third year of elementary school - early years, to know their practices and resources they use in the process. Besides that, to verify the difficulties faced by these teachers when developing activities with these children. The research is classified as qualitative exploratory, making use of a questionnaire applied with Google Forms in the target audience: teachers who work in the third year of elementary school - early years. The teachers were later submitted to semi-structured interviews. Content analysis of the collected data was performed. It was verified that the teachers propose actions in their classrooms to include students with ADHD, providing good experiences not only for this specific group, but for the class as a whole.

Keywords: Attention Deficit Hyperactivity Disorder; Inclusion; Teachers

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).....	12
2.2 Inclusão de alunos com TDAH.....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
3.1 Caracterização dos participantes da pesquisa.....	20
3.2 Os procedimentos para geração dos dados.....	21
3.3 Análise dos dados.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
4.1 Conhecimento sobre o assunto.....	23
4.2 Quantidade de alunos em sala que possuem TDAH.....	25
4.3 Ações Inclusivas.....	25
4.4 Organização dos Planejamentos.....	27
4.5 Recursos.....	28
4.7 Interação em sala.....	29
4.7 Sentimento diante do trabalho realizado.....	30
4.8 Necessidade de apoio no trabalho.....	31
4.9 Conselho para os futuros profissionais da educação.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO NO GOOGLE FORMULÁRIOS.....	37
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	38

ANEXO -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE39

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico de origem genética que está presente em torno de 5 a 10% da população em idade escolar, que se manifesta com a presença de sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade (TEIXEIRA, 2017). Assim como tantos outros transtornos, este tem se tornado cada vez mais presente nos espaços escolares. Por isso, este estudo tem como objetivo investigar as ações do pedagogo que incluem os alunos com esse transtorno, no ambiente da sala de aula.

Buscando entender melhor esse cenário, este trabalho irá explorar sobre o TDAH, como ele é conceituado, e a necessidade de existirem práticas inclusivas nos espaços escolares por parte dos professores. Estudar e entender mais sobre essa temática se torna relevante não só para a inclusão desses alunos no ambiente da sala de aula, mas pela importância de romper preconceitos e estereótipos nas instituições de ensino. Mais do que nunca, as escolas precisam estar preparadas para receber os alunos e suas particularidades, pois como cada sujeito possui sua singularidade, eles precisam se sentir incluídos nos espaços que frequentam. O desenvolvimento de boas ações reflete em uma sala de aula estruturada, e consequentemente, no aproveitamento das crianças, principalmente as que possuem TDAH, que podem sentir-se mais seguras e confiantes no seu processo de aprendizagem.

O interesse por esse assunto surge a partir de um trabalho sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade realizado nas aulas de Psicopedagogia do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Somado a isso, uma experiência fora do ambiente universitário que me levou a observar as práticas de uma psicopedagoga em seu consultório. As intervenções realizadas pela profissional despertaram a curiosidade em saber quais ações eram promovidas pelos professores no ambiente da sala de aula com alunos que possuíam esse transtorno. A partir disso, emerge a vontade em entender mais sobre o TDAH e como funciona o processo de inclusão desses alunos nas escolas.

Diante do cenário apresentado, essa pesquisa tem como **objetivo geral** investigar as ações do pedagogo que promovem uma sala de aula inclusiva para alunos do terceiro ano que apresentam o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Os **objetivos específicos** são: identificar as professoras que atuam em turmas de terceiro ano com alunos

que evidenciam esse transtorno; conhecer práticas e recursos usados por professores no processo de inclusão desses educandos e verificar as dificuldades enfrentadas por esses docentes ao implementar/ desenvolver atividades para esse público.

A metodologia usada nesta pesquisa foi do tipo qualitativa, sendo essa uma abordagem que busca “[...] explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) [...]” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32) Para isso, fez-se uso de um questionário no *Google* Formulários para encontrar os sujeitos da pesquisa, e posteriormente foi realizada uma entrevista semiestruturada. Para analisar as informações coletadas, foi usada a análise de conteúdo de Bardin, que se inicia pela leitura das falas provenientes das entrevistas transcritas, buscando relacionar os significantes com os significados articulados aos fatores que determinam suas características (GERHARDT, SILVEIRA, 2009). A fundamentação teórica se baseou em teóricos como Teixeira (2017), Mantoan (2003), Hudson (2019), Peres (2018).

O trabalho se constitui de 5 capítulos. O primeiro comporta a introdução, destacando os aspectos da pesquisa como a problemática e os objetivos. No segundo, é apresentado o referencial teórico que se divide em dois tópicos: um que fala sobre o TDAH, seu conceito, causas e consequências, e o outro traz a temática da inclusão, explicando um pouco sobre o conceito dessa palavra, as leis que amparam as pessoas que possuem esse transtorno e como a sala de aula se organiza para ser inclusiva. Os capítulos três e quatro tratam da metodologia usada na pesquisa e os resultados e discussões, respectivamente. O quinto e último capítulo irá tratar das considerações finais do pesquisador a partir dos resultados encontrados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os tópicos que serão apresentados nesta parte mais teórica do trabalho terão a função de desenvolver alguns argumentos sobre as temáticas centrais desta pesquisa que são o TDAH e a inclusão em sala de aula. O primeiro tópico trata sobre o TDAH, especificando o que é esse transtorno, suas causas e consequências. O segundo, que tem como temática a inclusão, irá buscar conceituar essa palavra e o quanto seu significado é muito mais abrangente do que se entende: tratará das leis que dão suporte a esse tema e principalmente ao TDAH e como uma sala de aula pode se organizar para ser inclusiva. Entender esses dois assuntos se torna de grande relevância para compreender as discussões que se seguirão.

2.1 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)

João é uma criança que brinca muito na sala de aula, tem dificuldade para se manter sentado e atento às explicações da professora. Seu comportamento já foi advertido várias vezes pela professora e pela psicóloga da escola: existe uma suspeita por parte dos profissionais da instituição que João tenha TDAH, por conta das características do seu comportamento.

Esse é um relato fictício, narra uma situação que acontece em muitas instituições escolares. O comportamento da criança pode se dar por uma série de fatores, podendo ser algo que acontece em seu lar que o deixa disperso nas aulas, o conteúdo pode não ser interessante por isso a dificuldade de foco, enfim, as possibilidades podem ser muitas e taxá-lo com um transtorno não é o caminho correto e nem o mais fácil para ajudá-lo a superar suas dificuldades escolares. Por isso, neste tópico serão apresentadas explicações sobre o TDAH que ajudam a evitar a taxaço e um diagnóstico sem conhecimento.

De acordo com Teixeira (2017, p.20), “o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade é uma condição comportamental de grande incidência na infância e na adolescência. Pesquisas internacionais revelam que o TDAH está presente em torno de 5 a 10% da população em idade escolar”. Com essa informação inicial, é possível observar o quanto este transtorno se encontra presente no ambiente escolar, por isso, compreendê-lo é a melhor solução para fornecer a ajuda necessária aos alunos que o possuem.

Apesar dos dados internacionais sobre a quantidade de pessoas em idade escolar que possuem o transtorno, fica a seguinte questão: mas afinal o que é o TDAH? De acordo com Teixeira (2017, p 20), “o TDAH é caracterizado basicamente por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Os sintomas são responsáveis por muitos prejuízos na vida escolar dos jovens acometidos, além de problemas de relacionamento social e ocupacional”. Parecem ser características encontradas facilmente em salas de aula, mas esse transtorno não pode ser generalizado, e as pessoas que o possuem precisam de ajuda e apoio para lidar com os desafios que irão lhes acompanhar por toda a vida.

De acordo com o manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA, 2014), responsável por descrever e classificar os diferentes tipos de transtornos mentais, proporcionando maior segurança aos profissionais da saúde no momento do diagnóstico, o TDAH costuma ser identificado com maior frequência durante os anos do ensino fundamental, quando a desatenção fica mais saliente e prejudicial.

Descrevendo um pouco mais sobre esse transtorno, o DSM-V faz a seguinte caracterização:

A característica essencial do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento ou no desenvolvimento. A desatenção manifesta-se comportamentalmente no TDAH como divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade de manter o foco e desorganização – e não constitui consequência de desafio ou falta de compreensão. A hiperatividade refere-se a atividade motora excessiva (como uma criança que corre por tudo) quando não apropriado ou remexer, batucar ou conversar em excesso. [...] A impulsividade refere-se a ações precipitadas que ocorrem no momento sem premeditação e com elevado potencial para dano à pessoa (p. ex., atravessar uma rua sem olhar). [...] Comportamentos impulsivos podem se manifestar com intromissão social (p. ex., interromper os outros em excesso) e/ou tomada de decisões importantes sem considerações acerca das consequências no longo prazo (p. ex., assumir um emprego sem informações adequadas) (2014, p. 61).

Dessa forma, uma pessoa que possui o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade tem mais dificuldade em se concentrar, seguir ordens, manter o foco nas atividades, principalmente as escolares que exigem um nível de atenção muito maior por parte das crianças, além das manifestações de impulsividade e hiperatividade. Vale salientar que nem todas as pessoas que possuem esse transtorno vão apresentar esses três tipos (impulsividade, hiperatividade e desatenção), concomitantemente. Cada pessoa possui sua particularidade, conseqüentemente as manifestações variam de indivíduo para indivíduo:

- Tipo com Predomínio de Déficit de Atenção: Predominam os sintomas de falta de atenção, e os sintomas de impulsividade-hiperatividade são leves ou não ocorrem.

- Tipo com predomínio hiperativo – impulsivo: Predominam os vários sintomas de hiperatividade-impulsividade com poucos (ou nenhum) sintomas de falta de atenção.
- Tipo combinado: Verificam-se sintomas de falta de atenção, impulsividade e hiperatividade (BONET, SORIANO, SOLANO, 2008, p.11).

Por meio das explicações apresentadas anteriormente, é importante frisar que esse transtorno acompanha o indivíduo em todos os momentos do seu cotidiano. Uma pessoa não é desatenta e hiperativa apenas na sala de aula, em casa ou na presença dos pais, por exemplo. São aspectos que lhe acompanham em tudo, não havendo distinção de ambiente ou situação. A preservação desse comportamento se deve, pois, a esse transtorno que afeta principalmente a região do córtex pré-frontal do cérebro:

A parte frontal do cérebro (lobo frontal) controla o nosso comportamento racional e lógico. Ela nos permite pensar antes de agir e aprender com a experiência. Também nos possibilita inibir certas respostas emocionais, modificar o nosso comportamento e nos impedir de assumir riscos que são imprudentes. Os lobos também são a região responsável pela nossa personalidade, estabelecimento de metas, planejamento e por nos tornar quem somos. (HUDSON, 2019, p. 106)

Essa região do cérebro responsável pelas respectivas funções age de maneira diferente nas pessoas que possuem TDAH:

As células do cérebro se comunicam usando mediadores químicos chamados neurotransmissores. Tem sido demonstrado que indivíduos com TDAH têm menos atividade neurotransmissora do que o habitual na região do lobo frontal. Isso provoca mais assunção de riscos, espontaneidade e falta de concentração (HUDSON, 2019, p. 106).

A partir dessas explicações, é possível entender a diferença de funcionamento do lobo frontal para pessoas que não possuem TDAH e para as que possuem, não havendo a limitação do intelecto do sujeito, podendo haver apenas um atraso em seu progresso, que se controlado com acompanhamento de profissionais desde a infância, são passíveis de adaptação para que não haja maiores prejuízos ao seu desenvolvimento.

Ainda se tratando da parte cerebral, ele é definido como um transtorno neurobiológico de origem genética e ambiental. (TEIXEIRA, 2017) A ascendência genética se deve aos parentes biológicos de primeiro grau, então se o pai ou a mãe possuir tal transtorno há uma probabilidade de a criança receber essa carga genética. De acordo com o DSM -V, os fatores ambientais se ligam a questões como o baixo peso ao nascer e ao tabagismo na gestação. O primeiro não é fator determinante para o desenvolvimento do transtorno, e o segundo se reflete na associação de um risco genético comum.

Entender uma pessoa com TDAH em termos biológicos, como apresentado anteriormente, significa compreender que essa pessoa não tem sua vida limitada ou é impedida de realizar suas atividades cotidianas, ela apenas terá que conviver com essas

particularidades e aprender a lidar com o transtorno. Afinal, o TDAH acompanha o indivíduo por toda a vida. A descoberta e diagnóstico ainda na infância e acompanhamento com profissionais da saúde (neurologista, psicopedagogo) promovem uma qualidade de vida maior para essas pessoas, pois elas terão a ajuda apropriada para lidar com os desafios que a hiperatividade, impulsividade e desatenção podem acarretar.

O atraso do diagnóstico na infância leva a sérios prejuízos na socialização e aprendizagem escolar dessas pessoas, com consequências ao longo dos anos, como dificuldade para se concentrar, brincar sozinha ou com outras crianças. Também são mais impulsivas e podem se envolver em conflitos com outros colegas. Com o avanço das séries escolares e o aumento do grau de dificuldade, surgem problemas para se concentrar nas explicações dos professores, acarretando em baixo rendimento escolar e dificuldades para acompanhar a turma. Essas consequências são prejudiciais para a autoestima dessa criança, assim como “sintomas de tristeza, falta de motivação e de interesse nos estudos podem favorecer o abandono escolar de muitas crianças portadoras de TDAH, além de facilitar o desencadeamento de episódios depressivos graves durante a adolescência” (TEIXEIRA, 2017, p. 60-61).

Por isso, o diagnóstico ainda na infância acompanhado de um tratamento adequado possibilitam que consequências como essas causem o menor prejuízo ao desenvolvimento dessa pessoa nos vários aspectos de sua vida:

A associação Americana de Pediatria afirma que o objetivo do tratamento do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade é melhorar o funcionamento da criança, em todas as áreas de sua vida, portanto, o progresso do tratamento deve ser medido pela melhoria no relacionamento com os pais, irmãos, professores e amigos; pela diminuição do comportamento opositivo e desafiador; pelo progresso acadêmico, através do aumento da capacidade de concentração, diminuição da inquietação, da agitação e do comportamento hiperativo (TEIXEIRA, 2017, p. 63).

Portanto, a partir das reflexões apresentadas é possível compreender um pouco sobre o que é transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, como ele se manifesta no corpo e na vida daqueles que são acometidos por ele, suas consequências, a importância do diagnóstico e acompanhamento para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas. Ressaltando que possuir tal transtorno não impede que uma pessoa realize seus sonhos, ela terá apenas que buscar os caminhos que melhor se adaptam às suas dificuldades.

No tópico seguinte, as discussões se voltam para a inclusão, aprofundando um pouco sobre esse assunto e o significado dessa palavra, principalmente nas escolas, apresentando algumas leis e como se manifestam diante dessa temática e se existe uma lei

específica que ampare os alunos com TDAH na escola, e o principal: como a inclusão pode acontecer dentro da sala de aula.

2.2 Inclusão de alunos com TDAH

O dicionário de língua portuguesa define “incluir” como “abranger, compreender, conter” (INCLUIR, 2021), três palavras que são cheias de significado e que se enquadram quando o assunto em questão é inclusão. Falar sobre esse assunto ainda assusta algumas pessoas e gera dúvidas em outras, principalmente quando se trata das instituições de ensino. Existem muitos achismos em torno dessa palavra. Por isso, surge o seguinte questionamento: afinal de contas o que é inclusão?

Inclusão não se trata de atender apenas às necessidades de pessoas com deficiência: seu significado e essência são muito mais amplos. “Há uma suposição comum de que inclusão é principalmente acerca de educação de estudantes com deficiência, ou os classificados como portadores de necessidades educacionais especiais, nas escolas regulares” (AINSCOW, 2009, p.15).

No entanto, não se pode limitar esse conceito ao atendimento específico de pessoas com deficiência, por isso, Mantoan descreve que “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral” (MANTOAN, 2003, p.16). Por isso, as atitudes de uma escola como um todo devem ser de respeitar e acolher as singularidades daqueles que frequentam esse espaço e buscar promover a igualdade entre as partes.

Assim como descrito por Mantoan, a Declaração de Salamanca também busca conceituar a inclusão nos espaços escolares:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (UNESCO, 1994, p. 5).

Os conceitos apresentados anteriormente servem para mostrar quão ampla é a inclusão, e a urgente necessidade de atender as demandas da população, por isso a legislação educacional existe, na busca por atender as demandas das pessoas que frequentam os espaços escolares. Um exemplo de legislação educacional é a LDB (1996) que foi criada para estabelecer critérios para os diversos níveis da educação no Brasil, ampliando perspectivas para algumas modalidades que antes não existiam de maneira tão organizada e claramente nos documentos que a precederam. O Art. 58, dessa lei, se faz como exemplo: “entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996, Art. 58).

A lei de Diretrizes e Bases da Educação determina um suporte educacional para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, como descrito anteriormente no Art. 58, mas quando se trata do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e os outros transtornos de aprendizagem, a lei ainda não fornece o aparato necessário às pessoas que os possuem.

Esse cenário de garantia de direitos das pessoas com transtornos de aprendizagem ainda caminha a passos lentos, e de muitos em muitos anos um direito por vez é conquistado. Um exemplo recente de direito conquistado foi para as pessoas que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, à Dislexia ou outro transtorno de aprendizagem, contemplados com a sanção da lei 14.254, de 30 de Novembro de 2021 que fornece suporte nos espaços escolares, identificação precoce do transtorno e apoio terapêutico na rede de saúde às pessoas que os possuem. O projeto original para esta lei já existia desde 2008, mas só recentemente sofreu modificações em seu texto original abrangendo os outros transtornos, seguindo, após essas alterações, para sanção e se tornando lei.

O texto da referida lei contempla em seus artigos os três aspectos que abrangem essa determinação o diagnóstico, educação e suporte terapêutico. No que se refere à educação, que é foco deste trabalho, temos:

Art. 3º Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território (BRASIL, 2021).

Dessa maneira, as instituições de ensino devem se preparar para dar suporte não só aos alunos contemplados na sala de recursos multifuncionais, a atenção e cuidado deverão ser estendidos às pessoas que possuem TDAH, Dislexia e outros transtornos de aprendizagem.

Por meio das definições de inclusão apresentadas e das leis que asseguram os direitos para alguns grupos de pessoas citados anteriormente, surge a necessidade de criar não apenas um espaço separado para esses alunos receberem o suporte necessário, mas incluí-los na sala de aula com o respeito e atenção que todos devem ter, assim como descrito por Smelter, Rasch&Yudewitz, “[...] a inclusão escolar como a prática de “[...] inserir os estudantes da educação especial nas classes comuns do ensino regular, levando com elas os suportes que precisam, mais do que as tirando para os serviços de apoio”(*apud* MENDES, 2017, p.74). Diante dos argumentos apresentados anteriormente e da temática do TDAH, o que de fato torna uma sala de aula inclusiva para esses alunos?

Uma sala de aula inclusiva, para os alunos com TDAH, não se constrói apenas com respeito às diferenças e as dificuldades desse aluno, mas principalmente com ações que criem um espaço que o acolha e dê suporte, pois:

Práticas escolares que contemplem as mais diversas necessidades dos estudantes, inclusive eventuais necessidades especiais, devem ser regra no ensino regular e nas demais modalidades de ensino (como a educação de jovens e adultos, a educação profissional), não se justificando a manutenção de um ensino especial, apartado (MANTOAN, 2003, p.23-24).

Essas ações podem começar com a organização da sala, estabelecendo uma rotina, criando regras e colocando os alunos com maiores dificuldades sentados mais próximos ao professor, assim eles terão menos distrações e coisas que desviem o foco. Outro fator determinante são as atividades trabalhadas em sala: em vez de manter o mesmo padrão de explicações com o professor falando durante horas e os alunos sentados prestando atenção e posteriormente fazendo as atividades individualizadas, seria interessante tornar as explicações mais resumidas, variar entre slides, filmes, trazer os conteúdos para o dia a dia do aluno para não se tornar algo tão cansativo e enfadonho, não só para os alunos com TDAH, como para toda a turma. Propor atividades em dupla, jogos, atividades adaptadas quando necessário. Essas ações fogem do que muitos professores estão acostumados, mas transformam a aprendizagem das crianças que possuem esse transtorno.

A princípio, propor essas mudanças a um professor talvez seja assustador, pois ele pode imaginar que será mais “trabalho”, principalmente aqueles docentes que adotam

metodologias mais tradicionais de ensino, mas “o interessante disso tudo é que as estratégias podem ajudar a todos. Tanto alunos com TDAH podem se beneficiar dessas estratégias, como alunos portadores de outros problemas comportamentais e também aqueles que não apresentam problema algum” (TEIXEIRA, 2017, p. 93). Aos poucos, com algumas mudanças e as devidas orientações dos profissionais de apoio da instituição, os resultados a longo prazo serão proveitosos e o rendimento da turma como um todo irá melhorar de maneira significativa. Frisando que o professor não estará sozinho, pois, de acordo com a lei 14.254, de 30 de novembro de 2021, ele terá o suporte necessário como apresentado no seguinte artigo:

Art. 5º No âmbito do programa estabelecido no art. 1º desta Lei, os sistemas de ensino devem garantir aos professores da educação básica amplo acesso à informação, inclusive quanto aos encaminhamentos possíveis para atendimento multissetorial, e formação continuada para capacitá-los à identificação precoce dos sinais relacionados aos transtornos de aprendizagem ou ao TDAH, bem como para o atendimento educacional escolar dos educandos (BRASIL, 2021).

A inclusão e a adoção de práticas inclusivas na instituição como um todo, e principalmente na sala de aula, assustam um pouco e causam preocupação por parte da equipe de profissionais da escola, mas, como descreve Mantoan:

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (MANTOAN, 2003, p. 32).

Diante desse contexto, é comum o medo do desconhecido, podendo este ser paralisante e assustador. Entretanto, é necessário começar por pequenas ações e indo pelo caminho das mudanças, assim as coisas vão se modificando até chegar ao ponto em que não se lembrará mais como era a instituição sem essas práticas. Porém, isso só acontecerá se houver o primeiro passo em direção ao novo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa buscou a abordagem do método qualitativo que, de acordo com Deslandes, Cruz Neto, Gomes e Minayo (1994, p. 22), “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço

mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Diante dos objetivos deste trabalho, esta pesquisa se classifica como exploratória, cujo objetivo é, segundo Gil (2007), aprimorar ideias ou descobrir intuições, possuindo planejamento bastante flexível de modo a considerar os diferentes aspectos relativos ao fato estudado.

Para localizar o público alvo da pesquisa, professores do 3º ano do ensino fundamental - anos iniciais, foi realizada a divulgação entre pessoas da área acadêmica de um questionário no *Google* Formulário, e após o contato com os entrevistados foi realizada uma entrevista semiestruturada.

Na busca de melhor esclarecer como se deu esse processo, esse capítulo se organizará em três subitens: o primeiro será a caracterização dos participantes da pesquisa, o segundo os procedimentos para geração dos dados e o último apresentará como os dados foram analisados.

3.1 Caracterização dos participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com três professoras, todas trabalham em turmas do 3º ano do ensino fundamental - anos iniciais, com alunos que possuem o diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Vale salientar que as experiências relatadas pelas profissionais aconteceram na sala de aula presencial.

As três participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (EM ANEXO) que lhes foi enviado assegurando o sigilo de suas identidades, dessa forma, para preservar suas identidades, elas serão identificadas como professora D, professora S e professora M.

A professora D tem sua formação inicial em Pedagogia com 20 anos de docência, possui 38 anos, trabalha em uma instituição pública e está cursando especialização na área de Gestão Escolar. No que se refere à professora S, que também possui formação inicial em Pedagogia, conta com 27 anos de experiência em sala de aula, possui 56 anos, trabalha em

uma instituição pública e tem especialização em Psicopedagogia. A professora M, assim como as outras entrevistadas, também possui formação inicial em Pedagogia, está cursando especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Neuropsicopedagogia, e atua há 6 anos como docente, trabalha em uma instituição privada e tem 23 anos de idade.

3.2 Os procedimentos para geração dos dados

A coleta de dados aconteceu em dois momentos: o primeiro foi criar um formulário no *Google* (Apêndice A) contendo perguntas de múltipla escolha que ajudassem a encontrar os docentes que se encaixavam no perfil da pesquisa. Somente depois de recolher as respostas do formulário e encontrar os participantes que se encaixam nos objetivos do trabalho que foi possível começar o processo de entrevista.

O primeiro momento da coleta de dados se deu com a criação de um questionário *online* no *Google* Formulários, já que devido ao momento pandêmico em que se encontra a sociedade, os contatos precisaram ser restritos ao meio remoto, e dessa forma, a comunicação com as profissionais se deu totalmente de maneira virtual. O questionário, de acordo com Gil, pode ser definido como “[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações [...]” (GIL, 2011, p.121).

Dessa forma, as perguntas que se seguiram nesse documento buscavam encontrar professores que trabalhassem com alunos com TDAH em turmas do 3º ano do ensino fundamental - anos iniciais. Para a sua divulgação, foram usados grupos de *Whatsapp* que continham profissionais da educação, de maneira a facilitar a divulgação entre as pessoas que poderiam ter o perfil buscado na pesquisa.

Finalizado esse primeiro momento e localizando as docentes que se encaixavam no perfil da pesquisa, foi feito contato via *Whatsapp* para marcar com as entrevistadas o dia e horário mais propício para a entrevista. As entrevistas aconteceram via *Google Meet* e gravadas no programa *OBS Studio* para posterior transcrição.

As perguntas (Apêndice B) que se seguiram no processo de entrevista foram elaboradas com o intuito de se alinhar aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, elas

objetivavam entender um pouco mais sobre o trabalho das docentes com alunos que possuem TDAH, podendo conhecer um pouco das suas práticas e as intervenções que elas usam na sala de aula que ajudam na inclusão desses alunos nesse ambiente. Além disso, também foi possível observar os desafios que elas enfrentam neste trabalho.

Portanto, foram usadas na pesquisa o Google Formulários para criação de um questionário e a entrevista semiestruturada com as professoras. Os dois instrumentais usados proporcionaram localizar o público-alvo do trabalho e atender aos objetivos do mesmo. O capítulo seguinte irá mostrar os resultados encontrados a partir das entrevistas realizadas.

3.3 Análise dos dados

Diante dos dados coletados nas entrevistas, optou-se pela Análise de Conteúdo para analisar as informações adquiridas. De acordo com Bardin (2016), esse tipo de análise das comunicações usa procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, dividindo-se em três passos cronológicos: a pré-análise é responsável pela organização das idéias; a exploração do material se resume à aplicação das decisões tomadas na fase anterior; e por último, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessa última fase, os resultados ganham significado e são interpretados pelo pesquisador.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no que se apresenta na literatura e nos temas abordados nas entrevistas, foram construídas oito categorias no processo de análise de conteúdo, sendo elas: Conhecimento sobre o assunto, Quantidade de alunos em sala que possuem TDAH, Ações inclusivas, Organização dos Planejamentos, Recursos, Interação em sala, Sentimento diante do trabalho realizado, Conselhos para os futuros profissionais da educação. Dentre essas oito categorias apenas uma, Sentimento diante do trabalho realizado, resultou em uma subcategoria, denominada Necessidade de Apoio no Trabalho. Dessa forma, elas foram

nomeadas pela pesquisadora de acordo com os objetivos da pesquisa e as falas das participantes, sendo apresentadas de acordo com a ordem em que foram abordadas.

4.1 Conhecimento sobre o assunto

As entrevistadas possuem conhecimento teórico sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Em suas falas se destacam, principalmente, a dificuldade de atenção e a hiperatividade, combinando o que sabem na teoria às suas práticas em sala de aula.

Um exemplo de relato que soma teoria e prática é apresentado pela professora S, em que ela explica um pouco sobre a falta de atenção e a hiperatividade no contexto de sua sala de aula:

E essa dificuldade em se concentrar puxa para outras coisas, porque se ela não se concentra ela não consegue aprender direito e se você não conseguir, se você não fizer atividade que possam focar esse lado dela, essa dificuldade que ela tem, você realmente não consegue e a criança hiperativa também, ela precisa da concentração, se ela não tem a concentração ela não consegue aprender direito.

Como exposto anteriormente, a professora S traz a teoria voltada para a sua prática, mostrando-se evidente em seu relato que a hiperatividade e o déficit de atenção são fatores de causa e consequência, e que se ela não fizer algo para ajudar a criança a se organizar no ambiente da sala de aula e focar no que lhe é solicitado, o seu rendimento e aprendizagem são comprometidos. Peres (2018, p.29) explica que “uma criança com TDA-H que tem habilidades ou problemas na aprendizagem e que exija uma educação especial se pressupõe um planejamento educativo baseado em estratégias apropriadas”.

Outra exposição que se destaca nas entrevistas é a da professora M, cujo relato explora diferentes aspectos teóricos do TDAH, como por exemplo, as três subdivisões do transtorno, “[...] TDAH hiperativo, combinado, os tipos de TDAH, e o desatento”, assim como explicado por Bonet, Soriano e Solano (2008), o transtorno se diferencia em três subtipos: a) com predomínio de déficit de atenção; b) hiperativo-impulsivo, predominando a hiperatividade e impulsividade e c) o tipo combinado que une a falta de atenção com a hiperatividade e impulsividade.

A mesma professora ressalta ainda os aspectos genéticos, “[...] parte do transtorno é por causa da hereditariedade, vem muito de um parente com TDAH é provável que a criança tenha.” Assim como apresentado por Teixeira (2017, p.24) quando afirma que “cerca de um terço das crianças com TDAH possuem pais com o mesmo diagnóstico [...]”.

A regulação das características do transtorno para uma melhor qualidade de vida, é considerada pela professora M como “[...] o tratamento é feito através de acompanhamentos terapêuticos e às vezes também usa medicamento para que o aluno possa se concentrar melhor e acalmar essa questão motora, ficar um pouco mais, diminuir as atividades motoras”. De acordo com Teixeira (2017), o tratamento se dá por uma rede de apoio envolvendo profissionais (fonoaudiólogos, psicólogos, médicos, etc), familiares, amigos, com o intuito de entender e ajudar a pessoa que possui TDAH. Os medicamentos agem como estimulantes e são absorvidos agindo no córtex pré-frontal, região do cérebro responsável pelas funções executivas, permitindo uma melhora na capacidade motora e refletindo nos estímulos externos.

Diante do que foi apresentado, as docentes possuem um bom suporte teórico sobre o transtorno, pois, “o profissional que atua na área educacional faz-se necessário estar em constante atualização e estudos para que a haja qualidade na metodologia aplicada em sala, e no processo educativo dos alunos [...]” (SILVA, DIAS, 2014, p.109). A partir desse conhecimento, é possível perceber as características típicas do transtorno que fazem a criança com TDAH apresentar os comportamentos descritos anteriormente e assim poder ajudá-la.

4.2 Quantidade de alunos em sala que possuem TDAH

Saber a quantidade de alunos em sala que possuem Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é fundamental para entender a dinâmica de trabalho realizada pelas docentes. As respostas se deram de maneira variada, não por uma diferença significativa da quantidade de alunos na sala de cada uma das professoras, mas pela questão dos alunos que possuíam ou não o diagnóstico de transtorno.

A professora D, que trabalha em uma escola pública, relata que “na prefeitura é cheio [...] Já tive cinco, apenas dois eram laudados”. A professora M também expôs de

maneira parecida quando afirma que: “Diagnosticadas só foram duas”. As informações apresentadas se tornam de grande relevância para entender não só como a sala de aula é diversa, mas como muitas vezes os professores trabalham com incertezas sobre as dificuldades do seu aluno. Por isso:

[...] é de suma importância o diagnóstico precoce de TDAH em crianças e adolescentes pois sua presença está diretamente associada a uma percepção prejudicada da qualidade de vida, do desempenho escolar, autoestima e desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (FRANCA, et al., 2021, p.6).

Possuir o laudo de que uma criança tem um transtorno não é uma forma de taxá-la ou querer diferenciá-la das demais, mas é uma maneira de entender melhor como sua mente funciona e assim oferecer um trabalho voltado para as suas dificuldades para que não haja prejuízos em sua aprendizagem.

4.3 Ações Inclusivas

O conteúdo que se apresenta relata o trabalho realizado pelas professoras em sala com os alunos que possuem ou não TDAH, os recursos usados por elas com a turma permitem integrar as crianças com o transtorno com o restante da classe. As ações implementadas por elas não trazem atividades complexas ou que se afastem da realidade, são atitudes simples e que fazem a diferença na aprendizagem. A professora D faz um breve relato da sua prática:

Sempre trabalho em grupos e eu gosto muito de trabalhar a alfabetização ligada à motricidade. Jogos, brincadeiras, tudo no lúdico mesmo, que ao mesmo tempo que ele gasta energia, ele presta atenção na aula e aprende brincando. Se for de outra forma é impossível. O ensino tradicional, o professor explicando a matéria, os alunos sentados na cadeira, não dá.

O depoimento da docente mostra a importância de fugir dos métodos tradicionais de ensino e explorar os conteúdos escolares através de atividades lúdicas que ajudam não só na aprendizagem como também na concentração, interação e o trabalho em equipe. Do Brasil (2020) afirma que:

O lúdico é um caminho para o conhecimento, ele vem a favorecer as habilidades sociais. É por isso que o professor dentro da sala de aula, deve promover momentos de ludicidade, enfatizando a necessidade das crianças que apresentam TDAH a aprenderem a jogar e brincar seguindo as instruções (DO BRASIL, 2020, p. 7).

Além da preocupação em trazer as atividades para as crianças com TDAH, as docentes também relatam sobre a importância de observar as necessidades do seu aluno, seus limites e potencialidades:

Eu sei do limite que ele tem, eu sei do limite que a criança tem, mas todas as atividades eu tento incluí-la, mesmo que ele não me dê uma resposta como os outros, claro que se essa criança tem essa dificuldade ela não vai me dar aquela resposta que eu preciso, mas eu procuro apreender essa resposta de acordo com o limite dele (Professora S).

Entender o que a criança precisa e planejar as atividades de acordo com suas necessidades de aprendizagem é uma maneira de incluí-la no espaço da sala e permitir uma boa interação com a turma, pois:

Quando o professor for fazer a escolha do jogo que irá aplicar em sua sala, ele o faça de maneira adequada, criando uma atmosfera de motivação que permita aos alunos participarem ativamente do processo ensino aprendizagem, seguindo seus objetivos e as reais finalidades educativas (DO BRASIL, 2020, p. 7).

Por isso, integrar o aluno com TDAH ao restante da turma e proporcionar uma aprendizagem efetiva não é uma missão fácil como relatado pelas professoras, é necessário entender as necessidades da criança, proporcionar um ensino diversificado que ao mesmo tempo que a integra à turma está permitindo que ela aprende e possa ir controlando os impulsos típicos do transtorno.

4.4 Organização dos Planejamentos

Esta categoria irá apresentar como as professoras organizam seus planejamentos e se são feitos acréscimos ou alterações para alunos que possuem TDAH. Os relatos das docentes trazem suas maneiras de organização, como pensam as estratégias para sua turma e se contam com apoio para execução dos planejamentos.

A professora S traz em seu relato o apoio e a troca de saberes com os outros profissionais da escola para a construção e melhora da qualidade do seu planejamento para atender as demandas de sala de aula, principalmente dos alunos que precisam de um pouco mais de atenção, como os alunos com TDAH:

Antes de começar o ano a gente tem uma conversa com a coordenação e com a professora do atendimento especializado que tem na escola e aí a gente faz uma

parceria dessas atividades, a parceria com a família e a parceria das atividades, muitas atividades a professora do AEE me passa e outras coisas, eu também passo para ela e a gente fica nessa troca.

O contexto apresentado pela docente mostra o quanto as parcerias dentro da escola beneficiam a todos, pois com a ajuda necessária o trabalho em sala pode ser aprimorado e dar bons resultados:

Um item importante para a efetivação da aprendizagem dos alunos com TDAH é o trabalho em conjunto do professor de sala com o da sala de recurso, pois dessa forma podem criar estratégias que facilita e das possibilidades de conhecer e compreender como conseguir reter a atenção da criança e oportunizá-lo o mesmo grau de aproveitamento e aprendizagem desfrutado pelos demais alunos (SILVA, DIAS, 2014, p. 112).

Além das trocas entre os profissionais da instituição, a professora M relata que busca planejar de maneira que inclua o aluno com o transtorno, mas que toda a turma se beneficie das atividades. “A gente pensa dentro do próprio planejamento normal, a gente já vai fazendo, buscando as atividades que dê para incluir esses outros alunos. E busco fazer sempre com todo mundo essas atividades diferenciadas [...]”

Essa ação como proposta pela docente se torna de grande relevância para a interação da turma e promove a inclusão dos alunos com esse transtorno de maneira muito natural em sua sala. Dessa forma:

É importante que o professor que tenha na sala de aula uma criança com TDAH, planeje sua aula de maneira estruturada, de forma que promova a interação entre todo o grupo em sala de aula e utilizando recursos que atraia a atenção desta criança para o que está sendo trabalhado (OLIVEIRA, LIMA, CAVALCANTE, [s.d], p. 8-9).

Portanto, diante das realidades apresentadas as professoras seguem caminhos diferentes no momento do planejamento, mas que buscam o mesmo fim: fornecer um trabalho de qualidade e uma aula bem estruturada incluindo toda a turma em sua elaboração, independente de ele possuir alguma especificidade em seu processo de aprendizagem.

4.5 Recursos

As docentes relatam os recursos que usam em sala com os alunos que possuem TDAH, mas que beneficiam a turma como um todo, pois proporcionam a aprendizagem através dos jogos e brincadeiras, fugindo do ensino tradicional.

A professora D traz as seguintes atividades: "jogos, brincadeiras, alfabeto móvel, tudo que tiver ao meu alcance. Uso até o *YouTube* se for preciso." Esses mecanismos de aprendizagem precisam ser diversificados e atender aos diferentes tipos de necessidades das crianças com TDAH. De acordo com a professora M:

[...] os recursos a gente vai adaptando de acordo com o aluno. Tem aluno que gosta mais de imagem, tem aluno que gosta mais de desenhar, tem aluno que gosta mais de falar, então a gente vai adaptando os recursos de acordo com o que o aluno vai se identificando mais e é pra ele não se sentir pressionado, não ficar muito agitado, e conseguir ter um bom aprendizado.

Ao propor essas atividades, as docentes não beneficiam somente os alunos com esse transtorno, mas a turma como um todo, pois "o professor deve mudar os estilos de apresentação das aulas, fazer tarefas com materiais diferentes para ajudar a manter o interesse da criança, otimizando a atenção e concentração do TDAH" (BATISTA, 2013, p. 4). Desse modo, quanto mais as crianças explorarem outras formas de aprender e fugir do ensino tradicional, melhor para o seu processo de aprendizagem e fixação do conteúdo ensinado.

4.6 Interação em sala

As professoras apresentam como a interação das crianças com TDAH com o restante da turma tem uma melhora significativa com o uso dos recursos propostos. Ofertar atividades em dupla, grupos, são reforços positivos para essa interação.

A professora D apresenta, em seu relato, de maneira comprovada, a diferença entre a atividade tradicional (sentado, prestando atenção no que a professora diz e cada um no seu lugar) e a atividade com jogos ou em grupos. Ela observa que propor intervenções desse segundo modo proporciona a interação entre as partes, estimula as trocas e permite que eles possam se conhecer e ir vendo suas afinidades e diferenças:

O papel das relações interpessoais entre professor e seus alunos e entre aluno e aluno é importante para o aprendizado, pois é nas constantes interações que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social, pois a criança aprende mediante seu desejo e incentivo o qual irá reproduzir seus comportamentos a partir dos estímulos que lhes foram disponibilizados com a intenção de composições para seu repertório de ações/reações (SILVA, DIAS, 2014, p.110).

Além do que foi exposto, a professora S também relata a dificuldade que alguns alunos têm e por isso precisam de mais tempo que outros para conseguir se engajar no grupo, e o que ela propõe tem papel significativo nessa relação:

[...] tenho um aluno que ele tem vários tipos de dificuldade e uma é porque ele não fala, mas ele não fala não é porque ele tem uma deficiência na fala não, é porque ele é muito tímido. A mãe dele disse que ele é assim em casa, mas apesar disso tudo ele tem um bom relacionamento com as crianças, as crianças compreendem o jeito dele e ele tá começando a interagir, pena que já passou no final do ano, né?

Diante do contexto apresentado, faz-se necessário entender que para uma criança com sintomas de desatenção e hiperatividade se manter atento à professora se torna cada vez mais difícil com o avanço da idade, surgindo as dificuldades para acompanhar a turma, o que pode levar a baixa autoestima e a dificuldade de interação com os colegas (TEIXEIRA, 2017). Por isso, proporcionar momentos de trocas para que eles se conheçam, entendam o jeito do outro, poder trocar ideias sobre como pensam, oportuniza para que esse processo de interação aconteça de maneira natural entre os alunos.

4.7 Sentimento diante do trabalho realizado

Os relatos das professoras mostram como elas se sentem realizando o seu trabalho com alunos que possuem TDAH e os desafios enfrentados por elas em sala de aula. De certa forma, os depoimentos das docentes soam como um desabafo diante das dificuldades enfrentadas, não só pela diversidade da turma, mas também a falta de parceria com a família que acontece em alguns casos:

No começo, eu vou ser bem franca, a gente sente um pouco de dificuldade, principalmente quando a família não colabora, né? Porque quando a família é participante, laborativa, o trabalho fica melhor. Quando a gente vê uma família que não colabora que não dá atenção ou então às vezes porque não entende, a gente nota como se a pessoa, a mãe ou os pais não aceitasse que aquela criança tem aquela dificuldade. [...] A família quando ela está inclusa na questão do desenvolvimento da aprendizagem do filho a coisa realmente caminha, desenvolve, anda (Professora S).

Diante do apresentado, a docente reafirma, na prática, o que se apresenta na literatura, que é a importância da parceria da escola com a família e como isso reflete no seu trabalho. “[...] Quando a escola e a família trabalharem juntas em função da superação dos distúrbios causados pelo TDAH, o tratamento os resultados serão gradativamente satisfatórios” (OLIVEIRA, LIMA, CAVALCANTE, [s.d], p. 22). De maneira parecida ao

que foi apresentado pela docente, a professora M também traz suas impressões sobre o assunto:

É gratificante, é um trabalho gratificante, porém é muito árduo, complicado, você tem que lidar com o aluno, com a realidade da sala, você tem que aprender a lidar com os familiares, então são várias coisas que precisam ser integradas para que o aluno se desenvolva por completo e ao final do ano ele esteja apto a fazer uma nova série, esteja maduro o suficiente para seguir outros caminhos.

As duas falas trazem concepções e sentimentos semelhantes, de que não é um trabalho fácil, que as dificuldades existem e que quando se tem apoio e compreensão na relação escola e família, as dificuldades são superadas de maneira menos árdua, mas quando essa relação é fragmentada, os resultados positivos vêm, só que com mais dificuldade para a docente e o aluno.

Dentro dessa categoria, algumas falas implicaram no surgimento de uma subcategoria, denominada “necessidade de apoio no trabalho, relatada a seguir.

4.8 Necessidade de apoio no trabalho

Os relatos anteriores seguiram para a construção desta subcategoria, que traz a necessidade de apoio no trabalho das professoras, não só por parte dos familiares, como apresentado anteriormente, mas o envolvimento de mais profissionais nesse processo de inclusão dos alunos com TDAH em sala de aula. A professora D retrata sobre essa carência de apoio em sua fala:

Eu acredito que eu estou fazendo um trabalho bom, só que eu sozinha eu não alcanço muita coisa não, precisa de uma equipe multidisciplinar e na prefeitura e até mesmo em algumas escolas particulares que eu já trabalhei não tem esse apoio. Na prefeitura tem escola que tem o agente de apoio, mas é um para a escola toda, aí fica complicado.

O apoio e a equipe multidisciplinar (em algumas escolas) existe, mas a demanda é alta para um profissional dar conta de um universo de necessidades. De acordo com Urbanek e Ross (2011, p.93): “o trabalho em sala de aula torna-se o núcleo da ação de toda a equipe multiprofissional, priorizando as áreas que atendem diretamente o aluno e, posteriormente, as que o fazem indiretamente, oferecendo apoio aos profissionais e às famílias”.

No caso da professora S que relatou em momentos anteriores que recebe ajuda de profissionais da sala de recursos multifuncionais em seus planejamentos, configurando-se como uma ação positiva para a inclusão de alunos com TDAH, ela também recorre aos seus alunos para ajudar com os colegas que mais precisam de apoio:

O ato de ensinar tem que envolver a todos, mesmo com as dificuldades que cada um tem. [...] Eu procuro fazer com que os outros alunos, os outros colegas me ajudem com aquele coleguinha. E aí eles, se você fizer uma rotina diária desse companheirismo, dessa solidariedade uns com os outros, como diz, o aprendizado desenvolve.

A iniciativa da docente é uma maneira de integrar todos ao processo, buscando resolver as diferenças em sala:

[...] convém convidar um amigo da sala, além do próprio aluno diretamente envolvido. O colega pode oferecer sugestões práticas para fazer, por exemplo, com que a pessoa sinta-se aceita e bem-vinda, visto que pensa como uma pessoa com a mesma idade, desejos e necessidades do aluno. Com isso, os colegas incorporam a responsabilidade e o respeito à diversidade (URBANEK & ROSS, 2011, p.107).

Diante do exposto, a ação apresentada pela professora não exime a escola das suas responsabilidades e muito menos da necessidade de apoio de outros profissionais, mas ela busca integrar toda a turma no processo de inclusão dos alunos com o transtorno. Portanto, fica evidente com o que foi apresentado que o professor precisa sim de ajuda da instituição como um todo para realizar um trabalho ainda melhor. Apesar do docente realizar o trabalho de maneira solo em sala de aula, não necessariamente ele precisa estar sozinho em todo o processo.

4.9 Conselho para os futuros profissionais da educação

Nesta última categoria, as professoras passam alguns conselhos e impressões pessoais sobre o trabalho docente. Elas remetem em suas falas ao lado positivo e negativo de sua profissão, frisando que elas baseiam seus argumentos em suas experiências pessoais, pois “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, [...]” (NÓVOA, 1992, p. 38).

A partir do cenário apresentado, a professora M retrata esses aspectos apresentados:

Eu diria que é um trabalho bom, é um trabalho legal, que a nossa profissão é uma boa profissão, que ao contrário do que pensam não é só sala de aula, a gente pode estar nas empresas, em hospital, pode tá na parte jurídica, mas que se optar por sala de aula, saiba dos desafios que vai encontrar com a escola, com os amigos, com os profissionais, os professores, com os alunos porque são muitos desafios diferentes [...], eles demandam muito, todos demandam muito porque cada um tem sua particularidade, mas que quando você vê o progresso vale a pena.

Atualmente, a Pedagogia é reconhecida como presente em todos os processos que envolvam a educação, e por ser um processo contínuo, torna-se fundamental para o processo

de ensino e aprendizagem do indivíduo, indo além do ambiente da sala de aula e gestão escolar que são as áreas mais conhecidas de atuação do pedagogo (SANTOS *et al.*, 2020).

De acordo com o que foi apresentado, faz-se necessário entender essa vastidão do campo de atuação do pedagogo, que assim como tantas outras profissões é cheio de possibilidades. Mas quando se escolhe a sala de aula, “é preciso ter o conhecimento, é preciso se atualizar, é preciso estudar, mas acima de qualquer coisa é ter a vontade de querer realmente fazer sua sala de aula seu palco e querer, eu quero, eu vou abraçar” (Professora S). Ensinar para um público diversificado não é para todos, é necessário conhecimento teórico, identificação com esse espaço e principalmente saber lidar com pessoas acolhendo e respeitando suas diferenças.

Portanto, os relatos de experiências das professoras e suas impressões sobre a profissão são importantes para mostrar um pouco da realidade escolar e do que o futuro docente precisa para trilhar o seu caminho no chão da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivou-se de maneira geral investigar as ações do pedagogo para a promoção de uma sala de aula inclusiva para alunos do terceiro ano do ensino fundamental que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Para tanto, foi utilizado uma abordagem de natureza qualitativa, com característica exploratória, fazendo uso de questionário aplicado através do *Google* Formulários e de entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo da Bardin.

Diante do objetivo geral desta pesquisa, apresentado anteriormente, ela se dividiu em três objetivos específicos: identificar professores que atuam em turmas do terceiro ano do ensino fundamental com alunos que possuem o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade; conhecer as práticas e recursos usados pelo professor para a promoção de um ambiente inclusivo para alunos com TDAH; verificar as dificuldades para implementar ou desenvolver atividades com alunos que possuem esse transtorno. Esses foram os aspectos analisados a partir dos resultados encontrados ao longo das entrevistas.

O primeiro objetivo tratou de identificar os professores do terceiro ano que atuam com alunos que possuem TDAH, e a localização desses profissionais ocorreu através de formulário criado no *Google* que continha perguntas que ajudavam a encontrar esse público alvo. Três professoras se encaixaram na série selecionada e trabalhavam com alunos que possuíam o transtorno. Portanto, nesse primeiro momento foi cumprido o primeiro objetivo da pesquisa, com a localização e entrevista destas profissionais.

No objetivo seguinte, que tratou de conhecer as práticas e recursos dessas profissionais com alunos TDAH, seus relatos trazem um olhar atento para a necessidade das crianças que possuem o transtorno buscando saber o que pode ser usado nas intervenções. Dessa forma, são propostos diversos recursos que podem ser aplicados em dupla, grupos, principalmente que possam interessar não só ao aluno com TDAH como da turma como um todo. A promoção desses momentos se mostra importante para melhorar não só a aprendizagem dos alunos, mas a interação da turma como um todo.

Quanto ao terceiro e último objetivo, que tratou de verificar as dificuldades das docentes em implementar ou desenvolver atividades para alunos com TDAH, elas mostraram em suas falas uma boa desenvoltura quanto a isso. Os três relatos se distinguem um pouco quanto às primeiras experiências em realizar atividades com alunos que possuem esse transtorno, mas no fim elas conseguiram se adaptar bem às situações e desenvolver ações inclusivas não só para esse público em específico, mas aos alunos no todo.

Portanto, os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados e o que foi exposto em termos de literatura se assemelha às práticas e ações em sala de aula apresentadas pelas professoras. Os resultados encontrados foram muito satisfatórios e supriram as expectativas da pesquisadora, pela riqueza de conteúdo apresentada pelas docentes que participaram da pesquisa.

No entanto, algumas dificuldades foram encontradas ao longo desta jornada. A princípio a ideia era observar as ações das professoras na prática, vivenciar esse momento em sala de aula, contudo, a pandemia da Covid-19 limitou este trabalho a entrevistas por meio virtual. Outra dificuldade foi encontrar docentes que se encaixassem no perfil da pesquisa, sendo necessário contar com a ajuda de vários colegas para a divulgação do questionário. No mais, as professoras foram muito solícitas e se colocaram à disposição para ajudar no que fosse necessário, facilitando bastante o desenrolar deste processo.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. Tornar a educação Inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada? In: FÁVERO, Osmar; FERREIRA, Windy; IRELAND, Timothy; BARREIROS, Débora (org.). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: Unesco, 2009. p. 11-23.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, DriellyAdrean–UNESP. Métodos psicopedagógicos: a aprendizagem de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). **EDUCERE**, 2013.

BONET, Trinidad; SORIANO, Yolanda; SOLANO, Cristina. **Aprendendo com crianças hiperativas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Lei nº 14.254, de novembro de 2021**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

DO BRASIL, Susan Cyntian Marques. **O lúdico no contexto escolar com crianças que apresentam TDAH**. 2020.

FRANCA E. J.; ALVES R. B. da S.; ROCHA L. P. L. da; BRAGA B. W.; LANA E. S. B.; COLARES A. L. N.; LOPES A. B. R.; ROCHA S. M. A.; NAVES M. E. C.; SOARES G. F. G. Importância do diagnóstico precoce em crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 35, p. e7818, 24 ago. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperge, TOC**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019.

INCLUIR. In: Dicionário Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/incluir>>. Acesso em: 21/12/2021

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Sobre alunos "incluídos" ou "da inclusão": reflexões sobre o conceito de inclusão escolar. In: VICTOR, Sonia Lopes; VIEIRA, Alexandro Braga; OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Educação especial inclusiva: conceituações, medicalização e políticas.** Campos dos Goytacazes - Rj: Brasil Multicultural, 2017. Cap. 2. p. 60-83.

NÓVOA, António. Vidas de professores. **American Sociological Review**, v. 49, 1992.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Maria de; LIMA, Dayana Priscila Dantas da Silva; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. **Práticas pedagógicas facilitadoras da aprendizagem de crianças com TDAH.** [s.d] Disponível em: <[ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação: necessidades educacionais especiais.** Salamanca, Espanha, 1994.](https://www.ufpe.br/documents/39399/2404382/OLIVEIRA%3B+LIMA%3B+CAVALCANTE%3B+2016.2.pdf/d25d7b85-ac6b-4de8-85c8-f930a1a4e09d#:~:text=%C3%89%20importante%20que%20o%20professor,e%20Bromberg%20(2003%2C%20p.> Acesso em: 25 de jan. de 2022.</p></div><div data-bbox=)

PERES, Clarice. **TDA-H (TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE): da Teoria à Prática.** 3. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2018.

SANTOS, B. K. G.; MUNIZ, S. S.; SAMPAIO, M. A. P.; SILVA, A. G. **Pedagogia Jurídica: a importância da atuação do pedagogo no tribunal de justiça.** Revista Humanidades e Inovação, v.7, n.7.7, 2020.

SILVA, Soeli Batista da; DIAS, Maria Angélica Dornelles. TDAH na escola estratégias de metodologia para o professor trabalhar em sala de aula. **Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 4, p. 105-114, 2014.

TEIXEIRA, Gustavo. **Desatentos e Hiperativos: manual para alunos, pais e professores.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2017.

URBANEK, Dinéia; ROSS, Paulo. **Educação inclusiva.** Curitiba. Editora Fael, 2011.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO NO GOOGLE FORMULÁRIOS

1. Nome
2. Telefone para contato
3. Trabalha em escola pública ou privada?
4. É professor do 3 ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais?
5. Já trabalho, no 3 ano do Ensino Fundamental, com alunos que possuem o diagnóstico do transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)?
6. Você promovia atividades que proporcionavam a inclusão desses alunos na sala de aula?
7. Caso suas respostas se encaixem no que busco para minha pesquisa, teria disponibilidade para uma entrevista?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual sua formação inicial?
2. Possui pós-graduação ou outras especializações?
3. Qual sua idade?
4. Trabalha em escola pública ou privada?
5. Leciona a quanto tempo?
6. O que você conhece/sabe sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?
7. Quantas crianças com TDAH já foram seus alunos?
8. Você adota ações que incluam esse aluno no ambiente da sala de aula? Poderia descrever algumas?
9. Como as atividades são planejadas e organizadas para facilitar a inclusão desses alunos?
10. Faz uso de algum recurso para facilitar a aprendizagem desse aluno? Poderia descrever algum?
11. Ao realizar essas práticas, como se dá a interação com as outras crianças?
12. Como você se sente realizando esse trabalho e desenvolvendo ações de inclusão?
13. Qual sua opinião sobre o trabalho com crianças com TDAH?
14. O que você diria a um estudante de pedagogia sobre realizar um trabalho com crianças com TDAH?

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo solicitado a participar da pesquisa de um trabalho de conclusão de curso. O pesquisador deve providenciar um documento de esclarecimento e de livre consentimento que informe a você sobre o estudo, afirmando que sua participação é voluntária e explicando os riscos e benefícios de sua participação. Nesse processo, ele deve dar a condição necessária para, de forma esclarecida, você poder tomar a decisão de participar ou não. Você deve se sentir absolutamente livre para fazer qualquer pergunta ao pesquisador e/ou esclarecer qualquer dúvida que você tenha.

Título do estudo: Ações Inclusivas do Pedagogo para Alunos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Pesquisador: Débora Rocha Matos Pinto

Contato: debora95matos@gmail.com / (85) 988817067

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

1. OBJETIVO DA PESQUISA: Você está sendo solicitado a participar de uma pesquisa que pretende investigar as ações do pedagogo que promovem uma sala de aula inclusiva para alunos do terceiro ano do ensino fundamental que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Como o pesquisador sabe das muitas tarefas cotidianas que você deve cumprir para a sua formação acadêmica, sua participação não tirará de você nenhum tempo adicional que o atrapalhe em seus compromissos. Se você concordar em conceder uma entrevista, esta não tomará de você mais do que 40 minutos, prezando a sua disponibilidade de tempo.

2. O QUE VOCÊ VAI FAZER: O pesquisador está pedindo sua permissão para estudar suas ações como profissional da educação no trabalho em sala de aula com crianças que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Se você consentir, o pesquisador está solicitando que você participe de uma entrevista, com gravação pelo *Google Meet*, de no máximo, 40 minutos de seu tempo livre.

3. POTENCIAIS BENEFÍCIOS: Você possivelmente não se beneficiará de modo particular ao participar deste estudo. No entanto, esta pesquisa ajuda a entender mais sobre o que acontece no ambiente de sala de aula com alunos que possuem TDAH. Nenhuma compensação financeira, crédito ou nota de disciplina, nem qualquer outra forma de compensação serão oferecidas por sua participação neste estudo.

4. POTENCIAIS RISCOS: Como os dados obtidos para este estudo não consistem de nenhum material que você tenha produzido nas disciplinas, não vislumbramos nenhum risco envolvido. O principal risco que você poderia enfrentar seria a revelação de dados pessoais,

mas, você tem o direito de não revelar e/ou de não permitir que nenhuma informação desta natureza seja publicada. Além disso, os riscos devem ser minimizados pelo pesquisador por meio de um pacto de privacidade e confidencialidade (ver item 5 abaixo).

5. PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: Se você concordar em participar do estudo, o pesquisador vai explorar as experiências que você construiu a partir de sua participação respondendo às perguntas durante a entrevista individual, tomando por base seus relatos sobre suas experiências de sala de aula com alunos que possuem TDAH. Os dados que você oferecer poderá ser incluído em apresentações orais e conferências de congressos científicos, assim como em publicações de artigos avaliados pelos comitês editoriais de revistas científicas, tanto impressas como *online*. Se assim você concordar, todos os dados identificáveis em suas descrições serão substituídos pelo uso de pseudônimos e códigos. Todos os dados sobre você estarão guardados e mantidos em confidencialidade o máximo que é exigido por lei.

6. SEUS DIREITOS: VOCÊ PODE PARTICIPAR, DIZER “NÃO” OU DESISTIR (RETIRAR A AUTORIZAÇÃO): A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você tem o direito de dizer NÃO. Saiba que sua recusa em participar não lhe trará nenhuma penalidade ou perda de benefícios que você, de outro modo, tenha por adquirido.

7. DÚVIDAS, PREOCUPAÇÕES OU PERGUNTAS: Se você tiver alguma dúvida, preocupação ou pergunta sobre esta pesquisa, tais como questões científicas, como participar ou como relatar prejuízos decorrentes de sua participação, por favor, contate pessoalmente o pesquisador Débora Rocha Matos Pinto. Você pode contatá-la tanto pelo e-mail (debora95matos@gmail.com) como pelo número de telefone celular ((85) 988817067). Se você tiver qualquer dúvida sobre seus direitos e participação como sujeito da pesquisa, por favor, contate o **Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos** da UFC (CEP/HUWC), pelos números (85) 3366-8589 e/ou 3366-8612, ou pelo e-mail <cephuwc@huwc.ufc.br>; ou ainda: escreva para Universidade Federal do Ceará, Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos (CEP/HUWC) - Rua Capitão Francisco Pedro, n. 1290 – Bairro Rodolfo Teófilo – Fortaleza – CE. CEP: 60.430-370.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ afirmo estar de acordo em participar da pesquisa intitulada Ações inclusivas do Pedagogo para alunos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, de forma livre e espontânea, podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Fortaleza, _____, de _____ de 20____

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante